PLACAR

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM O TÉCNICO DA SELEÇÃO AMERICANA E OS SEGREDOS DO JOGÃO DE SEGUNDA-FEIRA

Editora Abril

EDIÇÃO ESPECIAL Nº 3 JUNHO DE 1994 3,00 URV'S

AGORA É PRA VALER

QUE VENHAM OS ESTADOS UNIDOS !

ROMÁRIO MARCA O GOL DO EMPATE CONTRA A SUÉCIA. SELEÇÃO CONTINUA INVICTA

Brasil 1x1 Suécia. Não adianta ficar ani

madinho que com vocês vai ser pra valer.

BRASIL **1** x **1** SUÉCIA

Agora é contra o

Como a bola não chegava até Romário em condições de marcar, o Baixinho resolveu sozinho a parada: com uma arrancada fulminante empatou o jogo

s donos da casa

Depois do "amistoso" contra a Suécia, em Detroit, a neutralidade da Copa acabou para o Brasil, que vai enfrentar os Estados Unidos bem no dia de sua principal data nacional

Por Juca Kfouri, enviado especial a São Francisco

Foto de capa: Reuter

REUTER

Dunga, que briga com o sueco Thern pela bola, preferia enfrentar a Holanda: ela está "uma baba"

Havia uma única dúvida antes de o jogo contra a Suécia começar: o Brasil jogaria para vencer ou estrearia o estilo alemão, eventualmente entregando o jogo para ter vida menos dura nas oitavas-de-final? Uma misteriosa reunião de todo o elenco com a comissão técnica no luxuoso Radisson Hotel, em Detroit, no domingo à noite, justificava os rumores de que o Brasil preferia enfrentar uma Holanda a pegar os donos da casa, os Estados Unidos, em pleno 4 de julho, o dia da independência deles, ocasião em que os fortíssimos sentimentos nacionais estarão ainda mais acirrados.

Dunga, por exemplo, não escondia das pessoas mais íntimas que "o time americano evoluiu muito, tem uma marcação forte e vai querer morrer em campo no dia da festa nacional. Além do mais, a Holanda está uma "baba", analisava. E Dunga tem uma ascendência indiscutível sobre seus companheiros. Não bastasse, o maravilhoso estádio Silverdome podia ser uma boa desculpa, já que sua gigantesca cobertura impedia a visão do céu. "As referências mudam demais", explicava o capitão Raí na segunda-feira, quando a Seleção foi apresentada a um campo seis metros mais estreito que os 68 exigidos pela

AFP

NELSON COELHO

Raí, Márcio Santos (15) e Aldair disputam no alto com os gigantes Ingesson e Andersson, além do goleiro Ravelli: usando as armas do inimigo

FIFA. De fato, jogar futebol no imponente palco dos Lions de Detroit, o time de futebol americano da cidade, é mais ou menos como tourear num ringue de boxe. Só faltava a grama ser artificial para completar a esquisitice do evento.

Mas o Brasil entrou de uniforme azul, como na Final da Copa do Mundo de 1958, e diante da mesma Suécia. Naquele dia, para acalmar a superstição de nossos jogadores que haviam chegado até lá sempre vestindo o amarelo, o chefe da delegação, Paulo Machado de Carvalho, teve uma brilhante sacada. "Azul é a cor do manto de Nossa Senhora de Aparecida", constatação que milagrosamente acalmou o time. De mais a mais, o Brasil jamais havia perdido para Suécia em Copas do Mundo (veja página 9). A Seleção entrou de azul, tranqüila, querendo vencer e jogando mal.

Silverdome virou uma monumental gafieira. O time dançava lá embaixo, o povo sambava nas arquibancadas

Até que, aos 23 minutos, Taffarel foi buscar sua primeira bola na rede nesta Copa, numa bela cobertura de autoria de Andersson, grandalhão de 1,93 m, defensor do Lille francês. Dunga pediu a bola a Taffarel e bateu palmas para o time, embora, justiça seja feita, até ali só ele chutara contra o gol sueco. "Mazinho, Mazinho", a torcida ensaiava em coro aos 25. Em 1958 a Suécia também saiu na frente e depois tomou cinco. Desta vez, porém, a reação não vinha. E não vinha porque a Suécia marcava muito bem as duas laterais brasileiras, forçava o Brasil a jogar pelo meio, setor em que construíra uma barreira quase inexpugnável e que usava para sair em perigosos contra-ataques. O futebolzinho e seu homônimo continuavam a ser a tônica de um meio-campo sem criatividade em que só Dunga e, até, Mauro Silva, tentavam o gol. Raí, outra vez prejudicado pela burocraciazinha, rendia menos do que pode e a dupla BR (Bebeto e Romário) pouco produzia.

Tavez por causa da cobertura do estádio, Parreira ouviu mal a ordem de Deus e pôs Mazinho não no lugar de Zinho, mas no de Mauro Silva (de resto um jogador que corria o risco de levar o segundo cartão amarelo e ficar de fora do próximo jogo). Ou Parreira terá uma comunicação com o céu melhor do que se possa imaginar? Na primeira descida brasileira no segundo tempo foi exatamente Zinho quem enfiou na perfeição para ele marcar seu terceiro gol na Copa. Ele quem? Romário, obviamente.

Mazinho deu outra velocidade ao time e Silverdome virou uma monumental gafieira. O time dançava lá embaixo, o povo sambava nas arquibancadas. Por pouco tempo, porém. Afinal, o empate era bom para garantir o segundo lugar sueco e mantinha a invencibilidade brasileira que, como se sabe, foi a marca do tricampeonato. E 4 de julho é uma boa data para caminhar para o tetra, mesmo diante dos donos da casa. Porque não somos alemães mesmo e aceitamos o que o destino nos reserva. E a gente que achava que esta seria uma Copa neutra, hein?

SABOREANDO EMPATE COMO SE FOSSE VITÓRIA

Por Paulo Vinícius Coelho, enviado especial a Detroit

A Seleção Brasileira de Carlos Alberto Parreira não tem mesmo vergonha de jogar feio e sair de campo satisfeita com um empate. Após o 1 x 1 com a Suécia, que garantiu a liderança do Grupo B e o retorno do time a São Francisco, onde venceu seus dois primeiros jogos no Mundial, a sensação geral era a de dever cumprido. "Depois do nosso gol, não havia razão para sairmos ao ataque, afinal, o empate nos servia", raciocinou o coordenador técnico Zagalo, com ares de vitorioso. "Empatamos para garantir o primeiro lugar do Grupo", confessou Zinho, o preferido de Zagalo, sem o menor constrangimento. Já o treinador Parreira preferiu reclamar da estratégia sueca. "Eles vieram aqui para se defender. Assim fica difícil!", queixou-se, como se sua obrigação não fosse a de, pelo menos, tentar tornar as coisas mais fáceis. "Além disso, o gramado, seis metros mais estreito, nos atrapalhou. Este não é o local adeqüado para se jogar futebol", constatou Parreira. "O campo não atrapalhou em nada", discordou Mauro Silva, substituído no intervalo. Já o time da Suécia, deixou o campo feliz com a classificação em segundo lugar no Grupo e a manutenção de sua invencibilidade na Copa. A caminho do vestiário, o meia Thern engrossou o coro dos jogadores que ficaram perplexos com Romário depois de enfrentar o matador. "Ele parece desinteressado. Mas bastam dois segundos de desatenção e pronto: o gol está feito", resumiu Thern, elogiando o Baixinho, que não se empolgou com o resultado. "Sabíamos que o empate nos garantia o primeiro lugar no Grupo. Mas entramos para ganhar", frisou Romário que elogiou a entrada de Mazinho no time. "Com ele, a equipe ganha poder ofensivo. Isso, porém, é com o Parreira."

PEDRO MARTINELLI

A torcida pediu Mazinho, que ganhou elogios de Romário: substituindo o homem errado

A FICHA DO JOGO

Estádio: Silverdome (Detroit)
Juiz: Sandor Puhl (Hungria)
Substituições: Mazinho no lugar de Mauro Silva, no intervalo; Blomqvist no de Henrik Larsson,19; Mild no de Schwarz, 30; e Paulo Sérgio no de Raí 38 do 2º
Público: 77 217
Estado do gramado: bom
Gols: Kennet Andersson 23 do 1º; Romário 1 do 2º
Cartão amarelo: Aldair e Mild

ESCALAÇÕES E NOTAS

BRASIL		SUÉCIA	
(1) TAFFAREL	7	(1) RAVELLI	6
(2) JORGINHO	7	(2) ROLAND NILSSON	6
(13) ALDAIR	6	(3) ANDERSSON	5
(15) MÁRCIO SANTOS	6	(14) KAMARK	6
(16) LEONARDO	5	(5) LJUNG	6
(5) MAURO SILVA	7	(6) SCHWARZ	7
(8) DUNGA	7	(8) INGESSON	5
(9) ZINHO	4	(9) THERN	6
(10) RAÍ	5	(7) HENRIK LARSSON	4
(7) BEBETO	5	(11) BROLIN	7
(11) ROMÁRIO	7	(19) K. ANDERSSON	6
(17) MAZINHO	7	(21) BLOMQVIST	6
(18) PAULO SÉRGIO	4	(18) MILD	5
TÉCNICO:		TÉCNICO:	
CARLOS A. PARREIRA	5	TOMMY SVENSSON	7

1º TEMPO Pela primeira vez o Brasil enfrentou uma marcação eficiente na Copa. Os laterais não tiveram liberdade para ir ao fundo e ficou clara a falta de criatividade do meio-campo. Romário e Bebeto buscaram jogo fora da área, sem sucesso

2º TEMPO Apesar de a entrada de Mazinho ter dado maior agilidade ao meio-campo, o setor continuou sem criatividade. Satisfeito com o empate que lhe garantia a liderança do Grupo, o Brasil continuou tocando de lado sem objetividade

O LANCE DE PLACAR

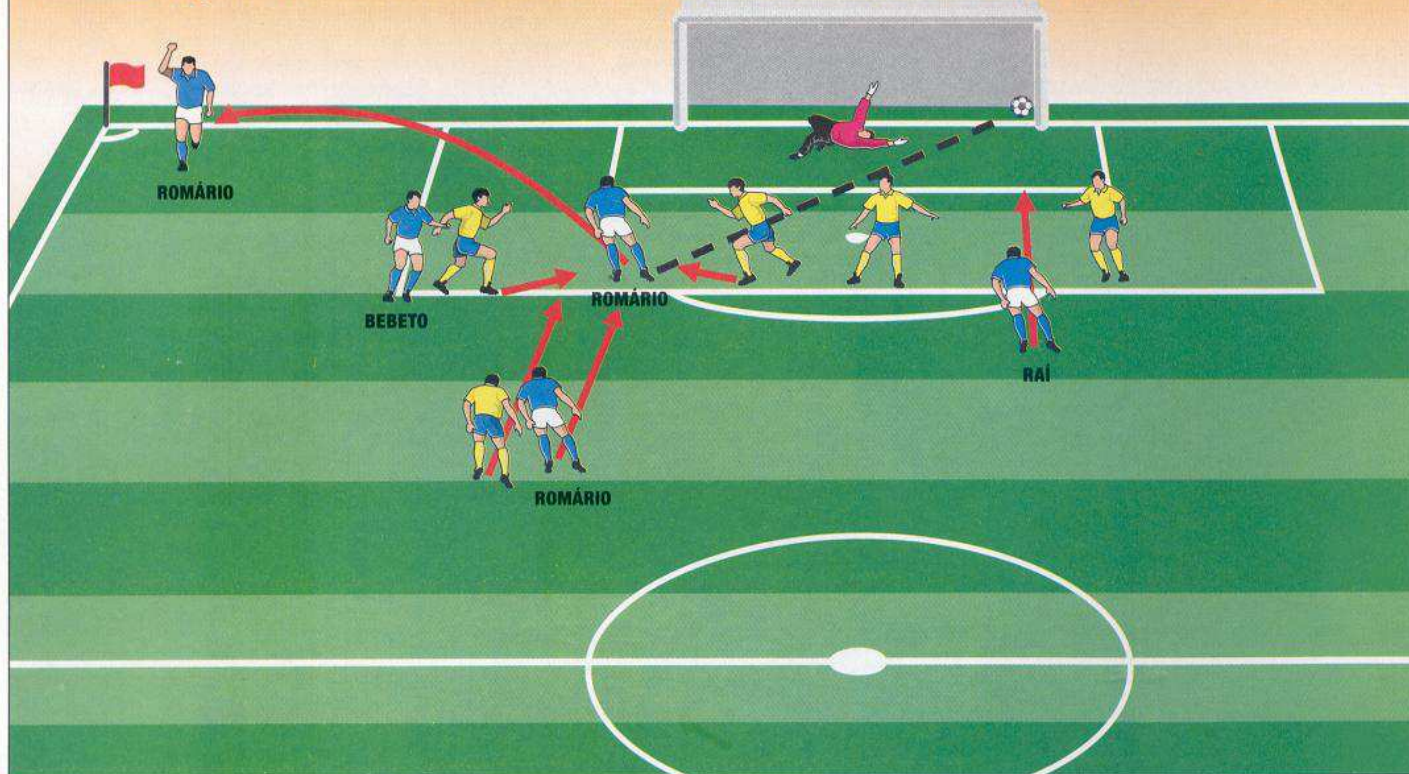
1 do 2º Romário recebe de Zinho na intermediária, passa por Larsson e, da entrada da área, toca para o gol, entre dois zagueiros. A bola vai no canto, fora do alcance do goleiro Ravelli: é o empate e o primeiro lugar assegurado

ROMÁRIO

BEBETO

ROMÁRIO

RAÍ

ROMÁRIO

DESEMPENHO DOS JOGADORES

DEFESA

O Brasil não se deu bem nas bolas altas que a Suécia lançou sobre a área, e Leonardo continua surpreendentemente tímido nos momentos de apoiar o ataque. Se duvidar, vai acabar perdendo o lugar para Branco

MEIO-CAMPO

O problema tem o nome de sempre: Zinho, que está arrastando Raí para o buraco. Com isso, mais uma vez, o meio-campo brasileiro se resumiu à "criatividade" dos valentes volantes Mauro Silva e Dunga. É realmente muito pouco

O MELHOR

De novo, Romário, que com o seu gol ajudou a manter a invencibilidade brasileira dentro da Copa e evitou, com isso, a crise que fatalmente desabaria sobre o time, como sempre acontece depois de uma derrota da Seleção

O PIOR

Outra vez Zinho. É um jogador simplesmente incapaz de partir em direção ao gol adversário. Ele tem sempre que, primeiro, pisar na bola, dar em seguida um inconseqüente rodopio sobre ela para só então pensar na jogada que vai fazer. O Brasil merece coisa melhor por ali

ATAQUE

Com Bebeto ainda mal, está na hora do técnico Parreira buscar outras soluções para o setor. Romário permanece muito isolado na frente e vem vivendo às custas de sua tremenda eficácia dentro da grande área

ART COR E FORMA

AGÊNCIA JB

Didi e Gilmar apóiam o garoto Pelé, que chora pelo primeiro título mundial: goleada na Suécia

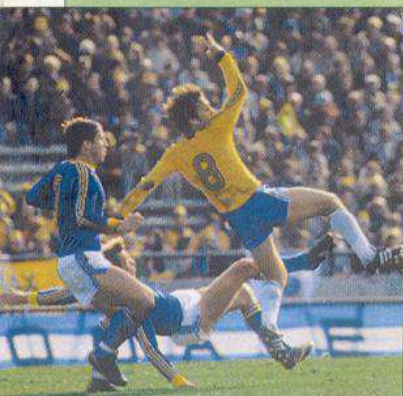
Velha freguesia sueca

Desde a Copa de 1938, a Suécia acumula derrotas diante do Brasil. E no único empate, em 1978, teve a ajuda do juiz

Até a partida disputada em Detroit, a Suécia havia cruzado o caminho do Brasil em cinco outras Copas. Foram quatro derrotas suecas e um empate, em 1978, na Argentina, no qual o juiz galês Clive Thomas teve uma participação decisiva: encerrou a partida com a bola no ar, segundos antes da cabeçada do atacante Zico para as redes, após cobrança de escanteio feita por Nelinho. Mas, de resto, a Suécia foi presa fácil para a Seleção Brasileira.

Os nórdicos enfrentaram a equipe canarinho em duas estréias — 1978 e 1990 — e em dois Mundiais foram os últimos a jogar com o Brasil — na disputa do terceiro lugar em 1938 e na finalíssima de 1958. Além disso, sofreram a maior goleada imposta pelos tricampeões em todas as Copas: 7 x 1 em 1950, no Maracanã. "O time deles não deu muito trabalho e jogamos aquilo que a torcida nos exigia", lembra Ademir Menezes, o Queixada, autor de quatro gols naquele histórico massacre.

No seu melhor resultado em todas as Copas, o futebol sueco foi vice-campeão em 1958 quando, jogando em casa, chegou à final, mas não resistiu à superioridade brasileira. "Eles tinham bons jogadores, alguns atuavam na França e outros na Itália", recorda Didi, o maestro do time naquela vitória por 5 x 2 que valeu o primeiro campeonato mundial do Brasil. "Estávamos acostumados a disputar títulos, enquanto os suecos nem dormiram pensando no jogo e se desgastaram antes da partida." Didi aponta o campo encharcado como o maior obstáculo na final daquela Copa. "O resto era moleza. Garrincha oferecia o espetáculo. Passávamos a bola para ele e ficávamos rindo à toa", lembra, divertido, o ex-meio-campista.

J.B. SCALCO

Zico em 1978: no minuto final, o gol do Galinho não valeu

FICHAS TÉCNICAS

FRANÇA/1938
BRASIL 4 X SUÉCIA 2
Data: 19/junho/1938
Local: Parc de Leseure (Bordeuax)
Juiz: J. Langenus (Bélgica)
Público: 25 000
Gols: Jonasson 18, Nyberg 38 e Romeu 43 do 1º; Leônidas 18 e 28, Perácio 35 do 2º
Brasil: Batatais, Domingos da Guia e Machado; Zezé Procópio, Brandão e Afonsinho; Roberto, Romeu Pellicciari, Leônidas da Silva, Perácio e Patesko. **Técnico:** Adhemar Pimenta
Suécia: Abrahamsson, Eriusson e Nilssen; Almgren, Linderholm e Svanstroem; Berssen, H. Andersson, Jonasson, A. Andersson e Nyberg.

BRASIL/1950
BRASIL 7 X SUÉCIA 1
Data: 9/julho/1950
Local: Maracanã (Rio de Janeiro)
Juiz: A. Ellis (Inglaterra)
Público: 138 886
Gols: Ademir 17 e 36 e Chico 39 do 1º; Ademir 7 e 9, Andersson 22, Maneca 40 e Chico 43 do 2º
Brasil: Barbosa, Augusto e Juvenal; Bauer, Danilo Alvim e Bigode; Maneca, Zizinho, Ademir, Jair Rosa Pinto, e Chico. **Técnico:** Flávio Costa
Suécia: Svensson, Samuelson e Erik Nilsson; Andersson, K. Nordhal e Gared; Sundqvist, Palmer, Jeppesson, Skoglund e S. Nilsson. **Técnico:** George Raynor

SUÉCIA/1958
BRASIL 5 X SUÉCIA 2
Data: 29/junho/1958
Local: Estádio Rassunda (Estocolmo)
Juiz: M. Guigue (França)
Público: 49 737
Gols: Liedholm 4, Vavá 8 e 32 do 1º; Pelé 11, Zagalo 23, Simonsson 35 e Pelé 44 do 2º
Brasil: Gilmar, Djalma Santos e Bellini; Orlando, Zito e Nílton Santos; Garrincha, Didi, Vavá, Pelé e Zagalo. **Técnico:** Vicente Feola
Suécia: Svensson, Bergmark e Axbon; Borjesson, Gustavsson e Parling; Hamrin, Gren, Simonsson, Liedholm e Skoglund. **Técnico:** George Raynor

ARGENTINA/1978
BRASIL 1 X SUÉCIA 1
Data: 3/junho/1978
Local: Estádio Mundial 78 (Mar Del Plata)
Juiz: C. Thomas (País de Gales)
Público: 33 000
Gols: Sjoberg 36 e Reinaldo 46 do 1º
Brasil: Leão, Toninho, Oscar, Amaral e Edinho; Cerezo (Dirceu), Batista e Rivelino; Gil (Nelinho), Reinaldo e Zico. **Técnico:** Cláudio Coutinho
Suécia: Hellstron, Borg, Roy, Andersson e Nordqvist; Erlandsson, Tapper, Lennart Larsson (Edstrom), Linderoth, Bo Larsson, Sjoberg e Wendt. **Técnico:** Georg Ericsson

ITÁLIA/1990
BRASIL 2 X SUÉCIA 1
Data: 10/junho/1990
Local: Estádio Delle Alpi (Turim)
Juiz: T. Lanese (Itália)
Público: 62 628
Gols: Careca 40 do 1º; Careca 17 e Brolin 33 do 2º
Brasil: Taffarel, Jorginho, Mozer, Mauro Galvão, Ricardo Gomes e Branco; Alemão, Dunga e Valdo (Silas); Careca e Müller. **Técnico:** Sebastião Lazaroni
Suécia: Ravelli, Roland Nilsson, Ljung (Stromberg), Peter Larson e Schwarz; Thern, Limpar, Ingersson e Joakim Nilsson; Brolin e Magnusson (Petterson). **Técnico:** Olle Nordin

Que país é esse?

Um povo que não gosta de futebol e "desorganizou" o Mundial, enche os estádios até para ver Arábia Saudita x Marrocos. Acredite se quiser

Se os americanos não gostam de futebol, quem lota os estádios em todos os jogos? Resposta: os americanos

FOTOS NÉLSON COELHO

Por **Juca Kfouri**, *enviado especial a São Francisco*

Não, não se conhece nenhum político americano que tenha feito a mesma pergunta que, num passado já felizmente distante, marcou para sempre a carreira do ex-governador das Minas Gerais, o piauíense Francelino Pereira. Mas, responda rápido: em que lugar, fora da Arábia Saudita ou de Marrocos, 72 404 pessoas sairiam de casa para ver um jogo das Seleções dos dois países? Imagine, antes de responder, esse jogo sendo disputado no Maracanã, ou em Wembley, ou em Milão. Pois a resposta foi dada no sábado, 25, em Nova York. Como tem sido norma nesta Copa, os americanos lotaram o Giants Stadium, mais exatamente em Nova Jersey, a poucos quilômetros de Manhattan, o coração do mundo.

É espantoso. Mas seja para assistir a peladas ou a grandes espetáculos, o público americano vem quebrando todos os recordes de presença nos estádios — em 26 jogos da Primeira Fase, a média foi de 68 662 pessoas por partida. E isso em um país que ignora solenemente o futebol (pesquisas realizadas às vésperas do início da competição mostravam que apenas um em cada três americanos sabia que os Estados Unidos eram a sede do Mundial). Para comparar: no Brasil, o decantado país do futebol, o Campeonato Brasileiro do ano passado teve média de 10 914 pessoas por jogo; no Mundial da Itália, outro país do futebol, a média final de público

Principal jornal de Los Angeles esquece decisão de basquete da NBA e dá futebol em manchete. Rendição ao soccer? Sociólogo diz que não

ficou em 48 368 pessoas por partida. Mas como explicar essa corrida maciça aos estádios se o clima tenso e caloroso que caracteriza as Copas não é sequer pressentido nas ruas?

Um sociólogo de botequim teria uma resposta simples. Os americanos vivem em seus carros, em suas casas, não se misturam e estão apenas satisfazendo uma curiosidade sobre esse tal de soccer. A prova, aliás, que não são nem um pouco chegados ao tema está no fato de que assistem até a um jogo entre árabes e marroquinos. Outro dirá que quem está lotando os estádios são as inúmeras colônias que invadiram os Estados Unidos desde sempre. O primeiro terá alguma razão. O outro estará sendo traído pela observação à distância, por exemplo, das pessoas vestidas de verde e amarelo nos jogos do Brasil. Quem se aproximar perceberá, no entanto, que pelo menos a metade das 80 000 pessoas que têm comparecido ao estádio de Stanford não fala português e é composta por americanos mesmo. Ou alguém já viu algum dia brasileiro aplaudindo uma bela jogada do time adversário?

Um sociólogo de verdade, como o americano convertido em brasileiro, Matthew Shirts, 35 anos, 12 de Brasil, mulher e um casal de filhos brasileiros, não tem dúvida: os americanos estão ligados sim, e muito, à Copa. Abramos aspas para ele: "A maior prova disso foi que o principal jornal de Los Angeles deu mais espaço na primeira página para a vitória americana diante da Colômbia do que para a final da NBA. O que acontece é que nada faz muito clima nos Estados Unidos. Trata-se de um país suburbano que alterna momentos de imperialismo com outros meramente segregacionistas, desconfiando de tudo concorre para a tese de Shirts o fato de que os americanos liberais passaram a considerar a Copa um evento politicamente correto, mais um desses ridículos modismos que exportam para o mundo e seguem piamente até inventar outro. "O mundo não pode estar errado, alguma coisa deve existir no soccer", decretaram. E trataram de gostar, ou de fazer parecer que gostam, apesar da TV e da própria organização da Copa a tratarem como um evento de segunda classe.

"Calma, estamos aqui aprendendo", esbaforia-se uma simpática voluntária no comitê de imprensa um dia antes da estréia do Brasil. Sem querer, ela revelava uma evidência e sua perplexidade. Ao contrário do show que costumam dar quando organizam os Jogos Olímpicos, por exemplo, a XV Copa do Mundo tem sido uma comédia de equívocos fora do campo.

Tudo salvo, porém, pelo bom nível do futebol que está sendo jogado, pela alegria que se vê nas arquibancadas e pelo inegável valor de um povo que foi capaz de construir um país admirável e se orgulhar disso como nenhum outro. "Até meu pai e meu avô estão se ligando ao futebol", surpreende-se o sociólogo Shirts, que está em São Francisco participando da cobertura da Copa como enviado do jornal Estado de São Paulo. O que não significa, segundo ele mesmo, que os Estados Unidos vão se apaixonar definitivamente pelo soccer. "Não vão. São 20 milhões de jogadores e uns poucos torcedores, que, além do mais, não percebem o drama do jogo, não são capazes de entender o que leva os brasileiros a pararem a batucada quando sentem que o time não está jogando bem, como aconteceu no primeiro tempo contra Camarões." O futebol estaria para os americanos assim como o futebol de salão está para os brasileiros: muita gente pratica, quase ninguém vê.

Faz sentido. Mas como a vida anda meio chata no país mais poderoso do mundo desde que o comunismo deitou-se na tumba da História, será que eles não vão mesmo adotar o nosso futebol? O fato de a nova Liga Norte-americana de Soccer estar exigindo que os estádios tenham capacidade máxima de 30 000 pessoas no próximo Campeonato Nacional — temendo arquibancadas vazias — pode até servir como um indicador sobre o futuro do esporte no país. Mas por tudo que está mostrando especificamente nas arquibancadas, ninguém terá o direito de se surpreender se o admirável povo americano resolver que o Tio Sam também é bom de bola. Por mais que não se fale nisso nas ruas.

Bandeirona da torcida: engordando currículo de delegado

BRASILEIRO ENROLA BANDEIRA E O FBI

O delegado de polícia de São Paulo, Mauro Marcelo de Lima e Silva, se orgulha de fazer parte de um time seletíssimo: ele foi um dos dez brasileiros aceitos, em toda a história do FBI, para fazer o curso da polícia mais famosa do mundo. Agora foi chamado para ajudar a prevenção de possíveis excessos da torcida brasileira em São Francisco. Aos 33 anos, palmeirense e fanático por futebol, o delegado Mauro Marcelo tem tido pouco trabalho. Na verdade, a festa brasileira só assustou o FBI uma vez, quando foi aberta uma grande bandeira no estádio de Stanford. "Recebi ordens imediatas para retirá-la e fingi passá-la adiante ao meu pessoal, que trouxe todo do Brasil. Eu sabia do nosso costume de abrir e fechar a bandeira quase a jato e acabei recebendo os maiores elogios pela 'eficiência de sua equipe' ", diverte-se. Prisões mesmo ele só fez duas até agora, ambas no primeiro jogo do Brasil. Pegou dois russos fazendo câmbio negro. E só tem uma queixa: "A gente tem de prestar tanta atenção no comportamento da torcida que acaba não vendo o jogo."

"Agora o nosso sonho é a Terceira Fase"

Depois de classificar de novo um time desacreditado para a Segunda Fase, o técnico da Seleção americana sonha com feitos ainda maiores

Por **Paulo Vinícius Coelho,** *enviado especial a Los Angeles*

Quando o sérvio Velibor Milutinovic, mais conhecido no mundo do futebol como "Bora", assumiu o comando da Seleção dos Estados Unidos, em 1991, pouca gente deu importância. Era apenas a contratação de um técnico que tentaria o milagre de fazer os americanos alcançarem um bom resultado na Copa do Mundo de 1994, que disputariam em casa. O que pouca gente se lembrou na época é que Bora Milutinovic já trazia dois outros milagres em seu currículo. O primeiro, foi levar o México ao sexto lugar no Mundial de 1986. O segundo, mais difícil, fazer a frágil Costa Rica passar para a Segunda Fase da Copa de 1990, superando Suécia e Escócia em um grupo que também incluía o Brasil. Nos Estados Unidos, Bora tornou-se também o primeiro treinador em toda a história das Copas, ao lado do brasileiro Carlos Alberto Parreira, a dirigir três Seleções distintas em Mundiais. O sérvio, no entanto, tem uma vantagem. Dirigiu México, Costa Rica e Estados Unidos em Copas consecutivas, ao contrário de Parreira, que orientou o Kuweit em 1982 e os Emirados Árabes em 1990, antes de dirigir o Brasil. Toda essa bagagem não tirou de sua cabeça a necessidade de fazer um bom trabalho: "Tínhamos um sonho que era passar para a Segunda Fase", lembra com orgulho. Às vésperas de alcançar esse feito, Bora falou com exclusividade para **PLACAR**, em Los Angeles, e não teve medo de afirmar: "Agora o sonho é a próxima fase."

PLACAR — Técnico ganha jogo?
Milutinovic — Não. Quem ganha jogo são os jogadores. São eles que constroem as situações que geram vitórias. Sem jogadores, um técnico não tem razão de ser.

PLACAR — Mas o senhor conseguiu nas últimas três Copas resultados expressivos com equipes fracas tecnicamente. Qual o segredo?
Milutinovic — Não há segredo. Um time de futebol se forma com determinação dos atletas e um bom ambiente. Talvez minha maior qualidade seja conseguir formar um bom ambiente. Foi assim na boa campanha do México, em 1986, quando chegamos às quartas-de-final. E também foi o que fortaleceu a Costa Rica, em 1990, quando fomos às oitavas-de-final. E é isso o que está acontecendo agora, com os Estados Unidos.

"Não existe jogo impossível de ser vencido. Assim será qualquer partida contra o Brasil ou outra equipe também forte. Entraremos em campo sonhando com a vitória"

FOTOS NELSON COELHO

PLACAR — Apesar disso, o senhor é conhecido por ser um estrategista. De onde surgiu essa fama?
Milutinovic — Todo treinador precisa saber construir uma boa equipe com o material humano que dispõe. Por isso, armo meu jogo de acordo com as condições técnicas de cada atleta. Meu esquema é feito em função deles.

PLACAR — Por que este Mundial tem apresentado tantas surpresas?
Milutinovic — Antigamente, algumas Seleções possuíam jogadores fora-de-série. Eram os casos de Uruguai, Alemanha, Itália, por exemplo. Hoje, apenas Brasil e Argentina detêm esse privilégio. Assim, torna-se muito mais fácil para times modestos conquistarem bons resultados enfrentando equipes mais tradicionais.

PLACAR — É possível que algumas dessas surpresas continuem acontecendo e acabem chegando à Final?
Milutinovic — É muito difícil. Copas do Mundo são conquistadas com experiência. Isso, brasileiros, argentinos, alemães e italianos têm de sobra e é por isso que estão sempre credenciados para chegar à decisão. Não há como imaginar que uma equipe como a Arábia Saudita, por exemplo, que venceu o Marrocos e dificultou o jogo contra a Holanda, possa tentar ir muito adiante no Mundial. Eles vão cair cedo ou tarde.

PLACAR — E os Estados Unidos, que passaram para a Segunda Fase?

Milutinovic — Tínhamos um sonho antes do início da Copa do Mundo. Queríamos conquistar quatro pontos na Primeira Fase. Assim, acreditávamos que nos classificaríamos para a Segunda Fase. Conseguimos esse número de pontos na segunda rodada do Mundial e nos classificamos. De agora em diante, cada nova fase da Copa do Mundo significa um sonho para nós.

PLACAR — Os jornais americanos, especialmente o San Jose Mercury News, da Califórnia, tratou a vitória de seu time contra a Colômbia como "milagre". O que o senhor pensa disso?
Milutinovic — É difícil dizer. Trabalhamos duro há três anos. Mas creio que todos podem pensar que isso foi um milagre. Não temos tradição no futebol, não temos técnica suficiente, não temos nenhuma cultura futebolística. Então, trata-se de um milagre. Todos podem pensar assim. Eu não. Eu não acredito em milagres.

PLACAR — O senhor esperava encontrar uma Colômbia tão frágil nesta Copa?
Milutinovic — A Colômbia pagou pelo equilíbrio de nosso Grupo. Mas creio que o favoritismo os tenha atrapalhado. Quando há tantas forças iguais, é preciso cuidado. Caso contrário, sempre se estará muito próximo de ser apanhado de surpresa.

PLACAR — Quais os favoritos para ganhar a Copa do Mundo, pelo que o senhor viu até agora?
Milutinovic — Brasil e Argentina, sem dúvida. Quem tem jogadores como os que possuem esses dois países é sempre favorito. Basta analisar os primeiros resultados desta fase e perceber que os melhores ataques pertencem aos dois times.

PLACAR — O senhor pertence a um grupo de treinadores que pratica um futebol pragmático, uma escola que não é bem vista no Brasil. Os torcedores brasileiros estão certos ou errados?
Milutinovic — Estão certos. Como eu já disse, um técnico deve saber montar uma equipe de acordo com os elementos que tem na mão. Ora! Jogadores brasileiros têm qualidade técnica de sobra. Não é possível que um treinador seja capaz de castrar a individualidade de um jogador talentoso.

PLACAR — O técnico da Colômbia, Francisco Maturana, afirmou que é preciso que o futebol-arte vença sempre para fortalecer o esporte. O senhor concorda com isso?
Milutinovic — Mas o futebol-arte sempre vence.

PLACAR — O Brasil perdeu para a Itália em 1982 e a Holanda para a Alemanha, em 1974, por exemplo. Que arte é essa que sempre vence?
Milutinovic — A arte sempre vence. O que é preciso deixar claro, no entanto, é que não existe arte sem disciplina. Aí, o esporte deixa de ser futebol para ser apenas arte. E, sem jogar futebol, ninguém chega a lugar algum.

"Os brasileiros têm qualidade técnica de sobra. Não é possível que um treinador seja capaz de castrar a individualidade de jogadores tão talentosos"

PLACAR — O senhor teme um confronto com o Brasil?
Milutinovic — Na verdade, já fizemos o que tínhamos de fazer. Não existe jogo impossível de ser vencido. Assim será qualquer partida contra o Brasil, ou outra equipe também forte. Entraremos em campo sonhando com a vitória. Se acontecer, estaremos mais uma vez na fase seguinte, como sonhamos.

PLACAR — O senhor está nos Estados Unidos desde 1991. O que é preciso acontecer para o futebol conquistar definitivamente o público americano?
Milutinovic — A América é um país de paixão e tradição. Para que um esporte crie raízes por aqui, é preciso muito tempo e paciência. Nosso time, nesta Copa do Mundo, está dando um passo importante para o fortalecimento do esporte em solo americano. Mas eles têm um espírito de vida diferente. Gostam de espetáculo e enchem estádios de todos os esportes, inclusive os da Copa do Mundo. Porém o modo de vida deles não combina com o futebol.

PLACAR — A US Soccer é a única Federação que mantém seus jogadores sob contrato exclusivo. Seu trabalho teria dado frutos se isso não acontecesse?
Milutinovic — Nenhum. Os Estados Unidos não têm uma liga montada. Dizem que isso acontecerá depois da Copa do Mundo. Se isso acontecer, o trabalho pode continuar dando frutos depois de 2 de agosto, quando terminam os contratos dos jogadores. Sem contar com um campeonato regular, no entanto, como tem acontecido há três anos, a única solução é mantê-los sob contrato exclusivo.

PLACAR — Que análise o senhor faz da Primeira Fase da Copa?
Milutinovic — A tônica foi o equilíbrio. Mas o nível técnico deste Mundial é melhor do que o de 1990. Acho que não há dúvida sobre isso. Temos mais gols e mais tempo de bola rolando. Enfim, um melhor futebol do que há quatro anos.

PLACAR — Apesar de sempre conseguir bons resultados dirigindo Seleções, o senhor não fez um bom trabalho na Udinese da Itália. O que aconteceu?
Milutinovic — Era um time que não tinha estrutura capaz de disputar um campeonato satisfatoriamente.

PLACAR — É mais fácil dirigir Seleções do que clubes?
Milutinovic — Não. Acontece que quando se dirige uma Seleção, trabalha-se com tempo para elaborar um esquema de jogo e planejar resultados. Em clube, não. Você chega e todos lhe cobram resultados para o dia seguinte. Por isso, meu trabalho aparece quando dirijo Seleções.

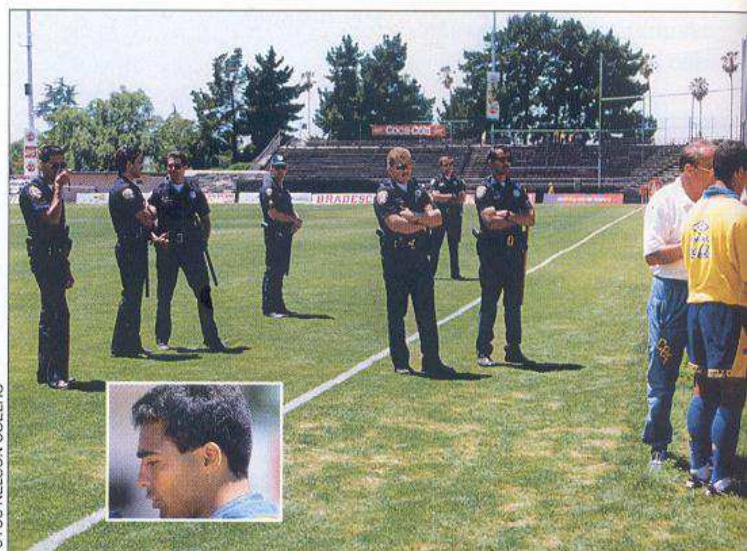
FIFA já está toda satisfeita

REUTER

Alemanha 1 X Espanha 1: o menor tempo de bola rolando

Os objetivos técnicos que a FIFA buscava para a Copa do Mundo de 1994 estão sendo tranqüilamente alcançados. Até aqui, a média de gols subiu de 2,2 em 1990 para 2,6 em 1994. O mais importante para os dirigentes do futebol mundial, no entanto, é outra coisa. A média de tempo corrido nos jogos da Copa também subiu. Em média, a bola está rolando sessenta minutos nas partidas do Mundial. A vitória da Bélgica por 1 x 0 contra o Marrocos foi o jogo com maior tempo efetivo. Ao todo, a bola rolou durante 66 minutos e 27 segundos. Já a partida Alemanha 1 x Espanha 1 foi a de menor tempo de jogo corrido: 56 minutos e sete segundos. Torcedores agradecem a diminuição da cera.

A SEGURANÇA DO SUPERSTAR

O centroavante Romário anda recebendo da polícia americana atenção e cuidados que normalmente só as grandes personalidades merecem. Mesmo no mais simples treino da Seleção Brasileira, o Baixinho é sempre seguido por uma tropa de parrudos guardas. De brinquinho novo desde a semana passada (presente da mulher Mônica pelo Dia dos Namorados) e ainda indeciso a qual instituição doar os 1000 dólares que recebeu da FIFA por ter sido eleito o melhor em campo na partida Brasil 2 x Rússia 0, Romário encara o rígido esquema de segurança formado à sua volta com a mesma tranqüilidade com que enfrenta as botinadas dos zagueiros adversários. Sem qualquer constrangimento, ele obriga os policiais a esperá-lo literalmente de braços cruzados até que termine de dar entrevistas ou autógrafos para os fãs. Bem comportados, os guardas não reclamam, mas também não o deixam só nem por um minuto.

FOTOS NELSON COELHO

Romário, que estreou brinco novo, dá canseira diária nos policiais

PASSE CURTO

GAFE RADIOFÔNICA - 1

O repórter da FM Transamérica se aproxima do locutor Galvão Bueno e, na linha irreverente que tem caracterizado a cobertura da emissora paulista, tascou: "Qual é o jogador mais gostoso da Seleção?" A resposta veio de bate-pronto: "Não sei. E não sei também como vocês gastam um dinheirão para vir até aqui para fazer perguntas tão idiotas." Pergunta e resposta não foram ao ar.

GAFE RADIOFÔNICA - 2

Já o repórter de A Voz da América, cerimonioso, pede uma entrevista a um famoso jornalista carioca. Obtido o OK, ele o apresenta a seus ouvintes: "E aqui conosco o famoso jornalista brasileiro que já cobriu inúmeras Copas do Mundo." O jornalista estranha. O radialista continua: "É também um grande escritor." O jornalista estranha ainda mais. Mas o radialista, impávido, segue adiante: "A Voz da América tem a honra de ouvir Oldemário Touguinhó, do Jornal do Brasil, e que acaba de lançar o livro *As Copas que Eu Vi*." O jornalista faz nervosos sinais de não, e diante da perplexidade do radialista, informa: "Eu sou o Zózimo Barroso do Amaral, de O Globo." O representante de A Voz da América não se constrange: "Melhor ainda. Vamos ouvir o dono de uma das colunas jornalísticas mais importantes do Brasil... "

RUMMENIGGE É BRASIL

O ex-craque Karl-Heinz Rummenigge, vice-campeão do mundo pela Alemanha, em 1982 e 1986, não acredita que seu país possa conquistar o tetracampeonato mundial nos Estados Unidos. Segundo ele, a equipe com maiores credenciais para arrebatar o título nos gramados americanos é o Brasil. "É um time tão capaz quanto o que encantou o mundo na Copa de 1982, na Espanha, e que só não conquistou a taça por um acidente do destino", compara o atual comentarista da rede de televisão alemã ARD. "Só que o time atual tem uma qualidade a mais do que aquele de 12 anos atrás: um sistema defensivo muito bem montado."

DEU NO *NEW YORK TIMES*

Classificação da Seleção empolga torcedores e imprensa americanos

FOTOS NELSON COELHO

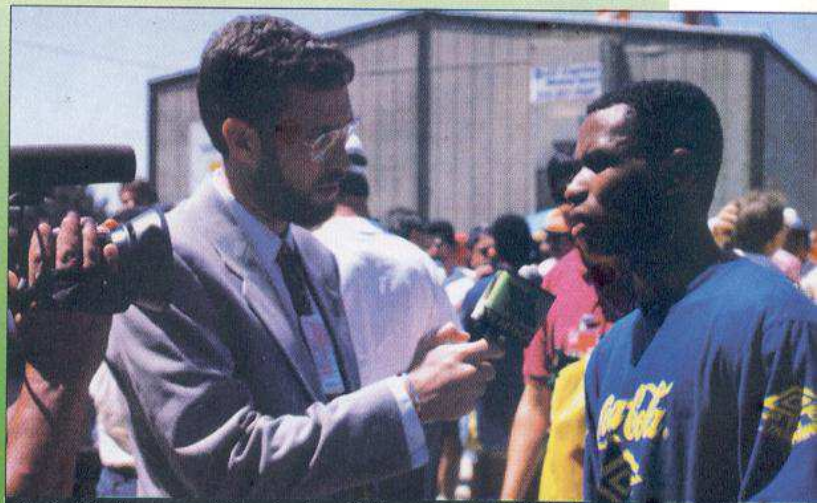
A derrota dos Estados Unidos para a Romênia não diminuiu o entusiasmo dos americanos com a campanha da equipe na Primeira Fase da Copa. No dia seguinte à derrota, o jornal *USA Today* estampou na primeira página uma manchete afirmando que a derrota não tirava o time da luta pela classificação. O *The Oakland Press*, de Michigan, foi mais otimista: "Os anfitriões da Copa ganham aplausos", dizia entusiasmado.

A empolgação foi seguida por alguns torcedores locais. Entusiasmo maior foi registrado apenas no dia seguinte à vitória contra a Colômbia por 2 x 1. Foi o primeiro dia em que os jornais americanos estamparam grandes manchetes sobre a Copa do Mundo. O diário mais otimista foi o importante *Los Angeles Times*, que em sua chamada de primeira página dizia: "O futebol finalmente chegou aos Estados Unidos."

Tão grande foi a repercussão do resultado que até o influente *The New York Times*, na Costa Leste, falou de futebol na primeira página, coisa inédita até então. Verdade que nesse jornal o destaque maior foi para a vitória do Houston Rockets contra o New York Knicks, na decisão do basquete da NBA. Mas em duas linhas, o mais importante jornal do planeta anunciava: "Os Estados Unidos venceram ontem a Colômbia por 2 x 1, em sua primeira vitória em Copas do Mundo desde 1950."

GUITARRA VERSUS BOLA

O becão americano Lalas: na dúvida entre o rock e o futebol

Desde a adolescência, a vida do zagueiro americano Alexi Lalas esteve dividida em duas frentes. De um lado, o prazer de tocar guitarra para o grupo de rock Gypsy, gosto que mantém paralelamente ao futebol até os dias de hoje. De outro, os campos que começou a conhecer nos tempos de escola, onde jogava ao lado dos amigos. "Cresci com muitos amigos jogando o *soccer*", conta Lalas. A proximidade do final de seu contrato com a Federação Norte-americana, no entanto, pode provocar a ruptura de um desses prazeres. "Quero ir jogar na Europa", conta o jogador. Se esse sonho se realizar, Lalas, com sua barbicha e cabelos compridos vermelhos, estará necessariamente abandonando por algum tempo os palcos e o grupo Gypsy. A outra possibilidade é a renovação do seu contrato com a US Soccer, a Federação ianque, que pretende continuar mantendo alguns de seus atuais jogadores. Aí, no entanto, Lalas verá castrado o sonho de virar um astro da bola.

Paulo Sérgio: esquecido pelos brasileiros, mas o xodó do imprensa internacional

ENTREVISTAS SÓ PARA ESTRANGEIROS

A cena se repete diariamente. Logo após o encerramento dos treinos, dezenas de jornalistas se acotovelam em busca de declarações dos jogadores da Seleção Brasileira. Enquanto isso, um deles atravessa o local reservado para entrevistas e se recolhe aos vestiários esquecido pelos repórteres brasileiros: Paulo Sérgio. "Isso não me incomoda", garante o jogador. Curiosamente, os únicos treinos em que é procurado são os acompanhados pela imprensa internacional. Desde o início da preparação, o ex-meia do Corinthians já falou para o México, a Holanda e, claro, a Alemanha, onde joga. "Dou muito mais entrevistas para estrangeiros do que para brasileiros", diz.

Agüenta, coração

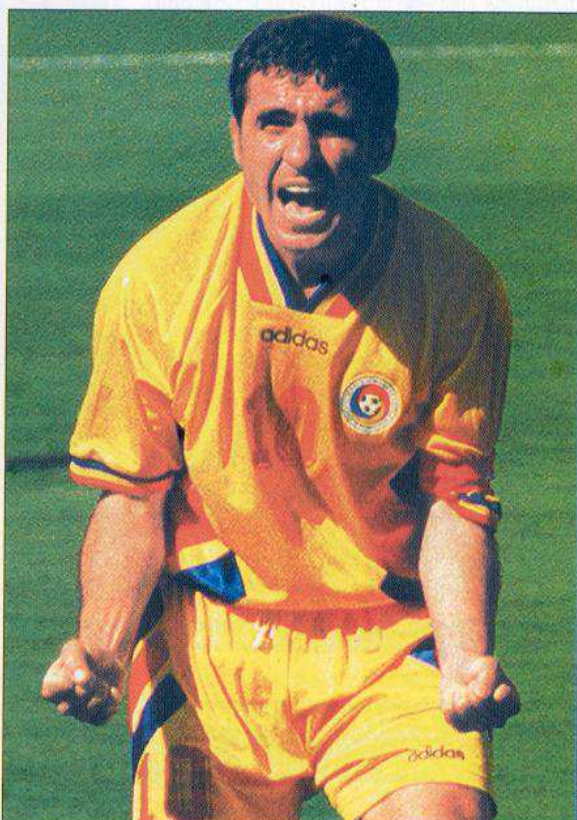
Bola dentro do gol, vitória assegurada, os jogadores explodem de emoção. Uns socam o ar, outros erguem os braços ou agarram-se às redes. Nesta festa típica de artilheiros, até mesmo goleiro pega carona

REUTER

PEDRO MARTINELLI

O estilo do capitão brasileiro Raí *(acima)* comemorar seus gols, como o que marcou contra a Rússia, é inconfundível: uma pedalada no ar e o soco enérgico, capaz de por a nocaute a dúvida e o pessimismo mais renitentes. Já o matador Romário *(ao lado)*, limita-se a erguer os dois braços e correr para o abraço

AFP

Jogo encerrado, o goleiro americano Meola *(acima)* pegou a bandeira do seu país e arrepiou. Também emocionante foi o gesto do nigeriano Yekini *(ao lado)* agarrando-se às redes depois de marcar. Outro que soube expressar sua alegria depois do gol foi o craque romeno Hagi *(abaixo)*

REUTER

REUTER

Só o entusiasmo preocupa

No dia da independência dos Estados Unidos, apenas o orgulho americano e a empolgação da torcida podem dificultar a missão da Seleção Brasileira

Por **Paulo Vinícius Coelho,** *enviado especial a Los Angeles*

Segunda-feira, 4 de julho. A data, que nada significa para os brasileiros, pode ser o grande adversário nas oitavas-de-final da Copa do Mundo. Afinal, esse é o feriado mais importante dos Estados Unidos, quando os americanos, mais do que nunca cheios de orgulho, entusiasmo e patriotismo, comemoraram a sua independência. É aí que mora o perigo. "Os Estados Unidos só podem atrapalhar o Brasil com o entusiasmo", avalia o espião Júnior, que assistiu à derrota americana por 1 x 0 para a Romênia. Movidos pelo embalo patriótico do Independence Day, os torcedores deverão incendiar a equipe.

Dentro de campo, no entanto, os brasileiros podem esperar um jogo de paciência. A defesa americana se fechará com os zagueiros Clavijo e Lalas, cobertos pelo líbero Balboa e protegidos ainda por uma parede de meio-campistas. Com calma, os espaços serão criados, principalmente pela esquerda da defesa. Às costas de Lalas e Caligiuri, há bons espaços a serem explorados por Romário e Bebeto.

"Prefiro o Brasil a ter que me defrontar com a Alemanha", disparou o meio-campo Tab Ramos. "Os brasileiros nos darão mais espaços para jogar." O que Ramos supõe é que haja condições de os Estados Unidos explorarem os contra-ataques, puxados pelo ponta-de-lança Stewart. "Mesmo assim direi ao Parreira que é muito melhor enfrentar os Estados Unidos do que a Romênia, como poderia ter acontecido", garante Júnior. O Brasil espera que ele tenha razão. E que o 4 de julho de 1994 seja lembrado nos Estados Unidos como um dia pintado de verde e amarelo.

BRASIL X ESTADOS UNIDOS						
J	V	E	D	GP	GC	SG
8	7	0	1	28	8	20

FOTOS NELSON COELHO

O líbero Balboa é o último homem do forte sistema defensivo da Selçaão dos Estados Unidos

BATE BOLA

"NÃO EXISTE VITÓRIA IMPOSSÍVEL NO FUTEBOL"

Técnico dos Estados Unidos, o sérvio Bora Milutinovic tentou evitar o confronto com o Brasil, mas acha possível surpreender

PLACAR — O que o senhor pensa da partida contra o Brasil?
Milutinovic — Desde que conseguimos nossa vitória sobre a Colômbia, a intenção de todo o grupo era derrotar a Romênia para fugir do confronto contra brasileiros ou alemães. Infelizmente não foi possível. Agora teremos que jogar contra um adversário muito forte.

PLACAR — É possível vencer esse confronto?
Milutinovic — Não existe jogo em que a vitória não seja possível. E, na verdade, já fizemos nosso papel passando para as oitavas-de-final. Sempre fui admirador do futebol brasileiro.

PLACAR — Qual a maior qualidade da Seleção de Carlos Alberto Parreira?
Milutinovic — Parreira conseguiu unir um grupo de jogadores muito bons tecnicamente a um esquema de jogo adequado. Assim, seu time fica muito forte e é um candidato sério ao título.

Bora: papel cumprido

STEWART

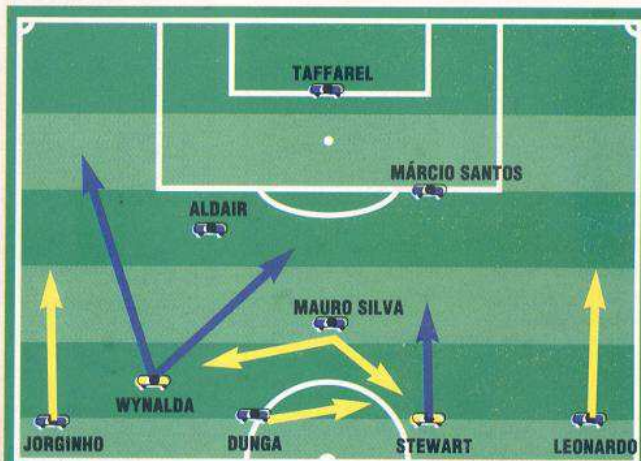
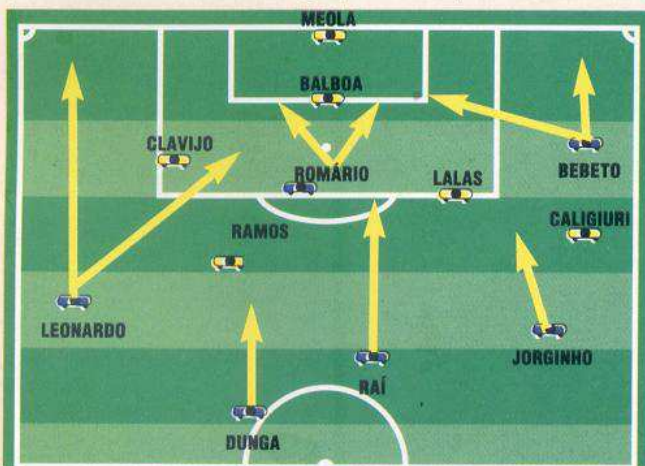
Autor do gol que deu a única vitória na Copa aos Estados Unidos, Stewart é o articulador das jogadas ofensivas: filho adotivo do Tio Sam

CAREQUINHA CAPAZ DE INCOMODAR

No final da fase de preparação para a Copa do Mundo, o atacante Ernie Stewart não passava de um candidato a entrar em algumas partidas do Mundial. E um candidato sem muitas chances. Logo na estréia, no entanto, o técnico Bora Milutinovic surpreendeu ao colocá-lo em campo diante dos suíços. Stewart, 25 anos, não é norte-americano de nascimento, como a maioria do time. Nascido na Holanda e filho de um veterano da Força Aérea dos Estados Unidos, incorporou o sentido patriótico da torcida e tornou-se o principal atacante do Tio Sam. Verdade que seu futebol aparece graças à eficiência do cabeludo zagueiro Lalas, na zaga, e do meio-campista Dooley, já que o time concentra seu jogo na defesa. Até aqui, Stewart marcou apenas um gol, o segundo da vitória contra a Colômbia por 2 x 1, na Primeira Fase do Mundial. Um belo gol, por sinal, tocando com o lado de dentro do pé, na saída do goleiro Córdoba. O carequinha da camisa número oito é uma promessa de tormento para os zagueiros brasileiros.

COMO GANHAR

A velocidade de Romário e Bebeto dificultará o trabalho dos zagueiros americanos Clavijo, Lalas e Balboa. O espaço preferencial a ser explorado está nas costas de Lalas e Caligiuri. Lançamentos de Raí, Dunga e até de Jorginho, em profundidade, podem criar boas chances de gol para a Seleção Brasileira

ART COR E FORMA

COMO NÃO PERDER

Os contra-ataques são a única arma realmente efetiva dos americanos. A marcação sobre Wynalda e, principalmente, sobre Stewart, deve ser redobrada. Resolvido esse problema, de preferência com Mauro Silva ficando na cobertura, a partida contra os americanos não representará problema

TABELÃO

CLASSIFICAÇÃO FINAL DA PRIMEIRA FASE

GRUPO A	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Romênia	6	3	2	-	1	5	5	0
2º Suíça	4	3	1	1	1	5	4	1
3º EUA	4	3	1	1	1	3	3	0
4º Colômbia	3	3	1	-	2	4	5	-1

GRUPO C	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Alemanha	7	3	2	1	0	5	3	2
2º Espanha	5	3	1	2	0	6	4	2
3º Coréia do Sul	2	3	0	2	1	4	5	-1
4º Bolívia	1	3	0	1	2	1	4	-3

GRUPO A

26/junho/1994
EUA 0 X ROMÊNIA 1

Local: Rose Bowl (Los Angeles); **Juiz:** Mario Van der Ende (Holanda); **Público:** 93 869; **Gol:** Petrescu 18 do 1º; **Cartão amarelo:** Harkes, Clavijo, Petrescu e Raducioiu
EUA: (1) Meola, (21) Clavijo, (22) Lalas e (17) Balboa; (5) Dooley, (20) Caligiuri, (6) Harkes, (9) Tab Ramos ((13) Cobi Jones 18 do 2º) e (16) Sorber ((10) Wegerle 29 do 2º); (8) Stewart e (11) Wynalda. **Técnico:** Bora Mulitinovic
ROMÊNIA: (1) Prunea, (4) Belodedici ((14) Mihali 43 do 2º), (6) Popescu e (3) Prodan; (2) Petrescu, (7) Munteanu, (13) Selymes, (5) Lupescu e (10) Hagi; (11) Dumitrescu e (9) Raducioiu ((18) Galca 38 do 2º). **Técnico:** Anghel Iordanescu

26/junho/1994
COLÔMBIA 2 X SUÍÇA 0

Local: Stanford Stadium (São Francisco); **Juiz:** Peter Mikkelsen (Dinamarca); **Público:** 80 906; **Gols:** Gaviria 44 do 1º; Lozano 45 do 2º; **Cartão amarelo:** Gaviria, Valderrama, Knup e Bregy.
COLÔMBIA: (1) Córdoba, (4) Herrera, (3) Mendoza, (2) Escobar e (20) Wilson Pérez; (5) Gaviria ((8) Lozano, 34 do 2º), (14) Álvarez, (10) Valderrama e (19) Rincón; (11) Valencia ((7) De Avila 18 do 2º) e (21) Asprilla. **Técnico:** Francisco Maturana
SUÍÇA: (1) Pascolo, (2) Hottiger, (4) Herr, (5) Geiger e (3) Quentin; (8) Ohrel, (6) Bregy, (10) Sforza e (7) Alain Sutter ((15) Grassi, 36 do 2º); (9) Knup ((14) Subiat 36 do 2º) e (11) Chapuisat. **Técnico:** Roy Hodgson

GRUPO B

24/junho/94
BRASIL 3 X CAMARÕES 0

Local: Stanford Stadium (São Francisco); **Juiz:** Arturo Brizio Carter (México); Público: 83 401; **Gols:** Romário 39 do 1º; Márcio Santos 20 e Bebeto 27 do 2º; **Cartão amarelo:** Tataw, Kalla e Mauro Silva; **Expulsão:** Song 18 do 2º
BRASIL: (1) Taffarel, (2) Jorginho, (13) Aldair, (15) Márcio Santos e (16) Leonardo; (5) Mauro Silva, (8) Dunga, (9) Zinho ((18) Paulo Sérgio 30 do 2º) e (10) Raí ((19) Müller 36 do 2º); (7) Bebeto e (11) Romário. **Técnico:** Parreira
CAMARÕES: (1) Bell, (14) Tataw, (13) Kalla, (3) Song e (15) Agbo; (6) Libiih, (17) Foe, (8) Mbouh e (10) Mfede ((11) Maboang 27 do 2º) ; (7) Oman-Biyik e (19) Embe ((9) Milla 19 do 2º). **Técnico:** Henri Michel

24/junho/94
SUÉCIA 3 X RÚSSIA 1

Local: Silverdome (Detroit); **Juiz:** Joel Quiniou (França); **Público:** 71 528; **Gols:** Salenko (pênalti) 4 e Brolin (pênalti) 39 do 1º; Dahlin 15 e 37 do 2º; **Cartão amarelo:** Gorlukovic, Kharin, Schwarz, Dahlin e Kannet Andersson; **Expulsão:** Gorlukovic 4 do 2º
SUÉCIA: (1) Ravelli, (2) Roland Nilsson, (3) Patrick Andersson, (4) Bjorklund ((20) Erlingmark 43 do 2º) e (5) Ljung; (6) Schwarz, (8) Ingesson e (9) Thern; (19) Kennet Andersson ((7) Larsson 38 do 2º), (10) Dahlin e (11) Brolin. **Técnico:** Tommy Svensson
RÚSSIA: (16) Kharin, (5) Nikiforov, (3) Gorlukovic, (18) Onopko e (21) Khlestov; (8) Popov ((10) Karpin 40 do 1º), (2) Kuznetzov e (13) Borodjuk ((4) Galjamin 6 do 2º); (19) Mostovoj, (9) Salenko e (15) Radchenko. **Técnico:** Pavel Sadyrin

GRUPO C

27/junho/94
ALEMANHA 3 X CORÉIA DO SUL 2

Local: Cotton Bowl (Dallas); **Juiz:** Joel Quiniou (França); **Público:** 63 998; **Gols:** Klinsmann 12, Riedle 19 e Klinsmann 36 do 1º; Hwang Sun Hong 7 e Hong Myung Bon 18 do 2º; **Cartão amarelo:** Brehme, Klinsmann, Effenberg e Young Il Choi
ALEMANHA: (1) Illgner, (2) Strunz, (6) Buchwald, (10) Mathäus ((7) Möller 18 do 2º) e (4) Kohler; (3) Brehme, (8) Hassler, (16) Sammer e (20) Effenberg ((5) Helmer 30 do 2º); (9) Riedle e (18) Klinsmann. **Técnico:** Bert Vogts
CORÉIA DO SUL: (1) Choi In Yong ((22) Won Jae Lee, intervalo) , (4) Kim Pan Keun, (5) Jung Bae Park, (7) Shin Hong Gi e (12) Young Il Choi; (20) Hong Myung Bo, (6) Young Jin Lee ((2) Chung Jong Son 39 do 1º), (9) Kim Joo Sung e (10) Ko Jeong Woon; (15) Cho Jin Ho e (18) Hwang Sun Hong. **Técnico:** Kim Ho

27/junho/94
BOLÍVIA 1 X ESPANHA 3

Local: Soldiers Field's (Chicago); **Juiz:** Rodrigo Padilla (Costa Rica); **Público:** 63 117; **Gols:** Guardiola 18 do 1º; Caminero 20 e 26 e Erwin Sánchez 21 do 2º; **Cartão amarelo:** Ferrer e Caminero
BOLÍVIA: (1) Trucco, (15) Soria ((20) Ramiro Castilho 17 do 2º), (2) Juan Peña, (3) Sandy e (4) Rimba; (6) Borja, (8) Melgar, (13) Soruco, (14) Ramos ((11) Jaime Moreno, intervalo); (18) Ramallo e (21) Erwin Sánchez. **Técnico:** Xabier Azkargorta
ESPANHA: (1) Zubizarreta, (2) Ferrer, (5) Abelardo (17) Boro e (12) Sergi; (9) Guardiola ((10) Bakero 23 do 2º), (15) Caminero e (7) Goicoechea;(8) Guerrero, (16) Felipe ((6) Hierro, intervalo) e (19) Salinas. **Técnico:** Javier Clemente

GRUPO D

25/junho/94
ARGENTINA 2 X NIGÉRIA 1

Local: Foxboro (Boston); **Juiz:** Bo Karlsson (Suécia); **Público:** 54 453; **Gols:** Siasia 8, Caniggia 22 e 29 do 1º; **Cartão amarelo:** Caniggia, Oliseh, Egauvon e Emenalou.
ARGENTINA: (12) Islas, (4) Sensini ((16) Hernán Diaz 42 do 2º), (13) Cáceres, (6) Ruggeri e (3) Chamot; (14) Simeone, (5) Redondo, (10) Maradona e (19) Balbo ((21) Mancuso 26 do 2º); (7) Caniggia e (9) Batistuta. **Técnico:** Alfio Basile
NIGÉRIA: (1) Rufai, (2) Eguavon, (5) Okechukwu, (6) Nwanu e (19) Emenalou; (12) Siasia, ((21) Mutiu 12 do 2º), (15) Oliseh ((10) Okocha 41 do 2º), e (14) Amokachi; (9) Yekini e (11) Amunike. **Técnico:** Clemens Westerhof

26/junho/94
BULGÁRIA 4 X GRÉCIA 0

Local: Soldiers Field's (Chicago); **Juiz:** Ali Mohammed Bujsaim (Emirados Árabes); **Público:** 63 160; **Gols:** Stoichkov (pênalti) 5 do 1º; Stoichkov (pênalti) 10, Lechkov 21 e Borimirov 47 do 2º; **Cartão amarelo:** Hubchev, Ivanov, Yankov, Borimirov, Alexudis, Chantzidis, Karayannis e Mitropoulos
BULGÁRIA: (1) Mikhailov, (2) Kremenliev, (3) Ivanov, (4) Tzvetanov ((16) Kiriakov 31 do 2º) e (5) Hub-

O Brasil fez jus ao seu favoritismo: ganhou dos russos e driblou a pancadaria camaronesa

Obs.: os números entre parênteses são os das camisas dos jogadores

chev; (6) Yankov, (8) Stoichkov, (10) Sirakov e (20) Balakov; (7) Kostadinov ((11) Borimirov 36 do 2º) e (9) Lechkov. **Técnico:** Dimitar Penev

GRÉCIA: (20) Atmatzidis, (2) Apostolakis, (5) Kalitzakis e (18) Karataidis; (8) Nioplias, (12) Marangos, (13) Karayannis e (17) Chantzidis ((10) Mitropoulos, intervalo); (9) Machlas, (16) Alexudis ((14) Dimitriadis 12 do 2º) e (19) Kofidis. **Técnico:** Alketas Panagoulias

GRUPO E

24/junho/94

MÉXICO 2 X EIRE 1

Local: Citrus Bowl (Orlando); **Juiz:** Kurt Roethlisberger (Suíça); **Público:** 61 219; **Gols:** Garcia 44 do 1º; Garcia 21 e Aldrigde 39 do 2º; **Cartão amarelo:** Irwin, Del Olmo, Jorge Campos e Phelan

MÉXICO: (1) Jorge Campos, (2) Suárez, (4) Ambriz, (3) Ramíres Perales e (14) Del Olmo; (20) Rodríguez ((19) Salvador 34 do 2º), (6) Bernal, (10) Luis García e (8) García-Aspe; (7) Hermosillo ((21) Gutiérrez 34 do 2º) e (11) Zaguinho. **Técnico:** Miguel Mejía Barón

EIRE: (1) Bonner, (2) Irwin, (14) Babb, (5) McGrath e (3) Phelan; (8) Houghton, (10) Sheridan, (6) Keane (7) e Townsend; (11) Staunton ((21) Jason McAteer 20 do 2º) e (15) Coyne ((9) Aldridge 21 do 2º). **Técnico:** Jack Charlton

GRUPO F

25/junho/1994

BÉLGICA 1 X HOLANDA 0

Local: Citrus Bowl (Orlando); **Juiz:** Renato Marsiglia (Brasil); **Público:** 62 387; **Gol:** Albert 20 do 2º; **Cartão amarelo:** Borkelmans, Wouters, Witschge, Jonk, Rijkaard e Bergkamp

BÉLGICA: (1) Preudd'Homme, (3) Borkelmans ((5) Smidts 15 do 2º), (4) Albert, (13) Grun e (14) De Wolf; (6) Staelens, (7) Van der Elst, (15) Emmers ((2) Medved 32 do 2º) e (10) Scifo; (17) Weber e (9) Degryse. **Técnico:** Paul Van Himst

HOLANDA: (1) De Goeij, (18) Valckx, (4) Koeman e (2) Frank de Boer ; (3) Rijkaard, (6) Wouters, (8) Jonk e (9) Ronald de Boer ((5) Witschge, intervalo); (17) Taument ((7) Overmars 18 do 2º), (10) Bergkamp e (11) Roy. **Técnico:** Dick Advocaat

25/junho/94

ARÁBIA SAUDITA 2 X MARROCOS 1

Local: Giants Stadium (Nova Jersey); **Juiz:** Philip Don (Inglaterra); **Público:** 72 404; **Gols:** Jaber (pênalti) 8, Chaouch 27 e Amin 45 do 1º; **Cartão amarelo:** Hadrioui, Jebrin, Amin, Muwallid, Naybet e Deayea

ARÁBIA SAUDITA: (1) Al Deayea, (18) Al Anazi ((4) Sulaiman 16 do 2º), (3) Al Khlawi, (5) Madani e (13) Jawad; (6) Amin, (8) Al Bishi, (14) Al Muwallid e (16) Jebrin; (10) Owairan e (12) Jaber ((7) Gushaian 34 do 2º). **Técnico:** Jorge Solari

MARROCOS: (1) Azmi, (2) Nacer ((17) El Ghrissi 11 do 2º), (5) Triki, (6) Naybet e (3) El Hadrioui; (8) Azzouzi, (4) El Khalej, (11) Daoudi e (13) Bahja; (15) Hababi ((7) Hadji 27 do 2º) e (9) Chaouch. **Técnico:** Abdellah Blinda

Obs.: ***O público do jogo realizado no dia 23 de junho, entre Coréia do Sul 0 x Bolívia 0 (Grupo C), e não publicado na última edição foi de 54 456 pagantes.***

Batistuta (9) marcou três gols contra a Grécia e assegurou a liderança portenha

AFP

Os favoritos dão as caras

Das 24 Seleções que participaram da Primeira Fase deste Mundial, apenas três realizaram a proeza de carimbar o passaporte para a próxima fase já no segundo jogo: Brasil, Argentina e Bélgica. Como já era previsível, nossa Seleção não encontrou grandes dificildades para derrotar russos e camaroneses: fez cinco gols e não sofreu nenhum. Com a mesma facilidade, os argentinos apresentaram um futebol ofensivo e de muitos gols. Ganharam da estreante e ingênua Grécia por 4 x 0 e conseguiram importante vitória sobre a perigosa Nigéria por 2 x 1, de virada. A maior surpresa, contudo, se deve às façanhas do futebol belga. Com um jogo simples e carente de grandes estrelas, a Bélgica venceu seu primeiro confronto contra Marrocos por 1 x 0 e, pelo mesmo resultado, desbancou o favoritismo holandês numa partida apitada pelo brasileiro Renato Marsiglia.

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Thomaz Souto Corrêa

Diretor de Distribuição: Carlos Roberto Berlinck
Secretário Editorial: Celso Nucci
Diretor de Publicidade: Dalton Pastore Júnior
Diretor de Recursos Humanos: Edvard Ghirelli
Diretor Editorial Adjunto: Ricardo A. Setti
Diretor de Planejamento e Controles: Valter Pasquini
Diretor de Sistemas: Vanderlei Bueno

PLACAR

Diretor de Redação: Juca Kfouri
Redator-Chefe: Sérgio F. Martins
Diretor de Arte: Haroldo Jereissati
Editor: Mauro Cezar Pereira
Repórteres: Paulo Vinicius Coelho, Manoel G. Coelho Fº
Chefe de Arte: Jonas Aquino Plaça
Diagramadores: José Jonas de Lima, Rosalina Sasaki
Fotógrafo: Nélson Coelho
Coordenador de Produção: Sebastião Silva
Atendimento ao Leitor: Rodolfo Martins Rodrigues

Apoio Editorial

Gerente Depto. de Documentação: Susana Camargo
Diretor de Serviços Fotográficos: Pedro Martinelli
Gerente Abril Press: Judith Baroni
Gerente Nova York: Grace de Souza
Gerente Paris: Pedro de Souza

Publicidade

Atendimento de Agências
Gerentes de Grupo: Celso Marche, Roberto Nascimento
Gerentes Executivos de Negócios: Paulo D'Andrea, Angelo Derenze, Antonio Carlos de Campos, Dario Castilho de Azevedo, Mariane Ortiz, Pedro Bonaldi, Moacyr Guimarães, Elian Trabulsi, Rogério Gabriel, Claudio Bartolo (RJ), Márcia Alvaredo (RJ), Rogério Ponce de Leon (RJ)
Gerente para Anunciantes Diretos: Paulo Renato Simões (RJ)
Gerentes da Central de Comercialização de Diretos: Alderlei Cunha, Alberto Simões
Gerente de Escritórios Regionais: Marcos Venturoso
Diretor de Adm. e Planej.: Rodinaldo Escocard de Souza

Circulação

Diretor de Vendas Avulsas: Eduardo Macedo
Diretor de Vendas de Assinaturas: Vicente Argentino
Diretor de Operações: Nelson Romanini Filho

Publicações

Diretor: Carlos Herculano Ávila

Diretor Brasília: Luiz Edgard P. Tostes
Diretor Rio de Janeiro: Luiz Fernando Pinto Veiga

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, José Wilson Paschoal, Placido Loriggio, Thomaz Souto Corrêa

A Copa na Telinha

A programação das TVs de 29/6 a 04/7

BANDEIRANTES

Data	Hora	Programa	
29/6	11h	Flash	**Reapresentação**
29/6	12h30	Esporte Total	
29/6	13h30	**Marrocos x Holanda** (Grupo F)	**Vivo**
29/6	15h30	**Bélgica x A. Saudita** (Grupo F)	**VT**
29/6	20h	Copa 94	**Reportagens**
29/6	20h30	**Eire x Noruega** (Grupo E)	**VT**
29/6	22h30	Apito Final	
30/6	2h	Flash	
30/6	11h	Flash	**Reapresentação**
30/6	12h30	Esporte Total	
30/6	15h15	Copa 94	**Reportagens**
30/6	20h	Copa 94	**Reportagens**
30/6	20h30	**Argentina x Bulgária** (Grupo D)	**Vivo**
30/6	22h30	Apito Final	
01/7	2h	Flash	
01/7	12h30	Esporte Total	
01/7	17h45	Copa 94	**Reportagens**
01/7	20h	Copa 94	**Reportagens**
01/7	20h30	**Grécia x Nigéria** (Grupo D)	**VT**
01/7	22h30	Apito Final	
02/7	2h	Flash	
02/7	13h30	Copa 94	**Reportagens**
02/7	14h	**Alemanha x 3º do Grupo A, B ou F**	**Vivo**
02/7	16h	Copa 94	**Reportagens**
02/7	17h30	**Espanha x Suíça**	**Vivo**
02/7	20h	Compactos Copa 94	
02/7	22h30	Apito Final	
03/7	10h	Show do Esporte	
03/7	14h	**2º do Grupo F x 2º do Grupo B**	**Vivo**
03/7	17h30	**Romênia x 3º do Grupo C, D ou E**	**Vivo**
03/7	19h30	Apito Final	
04/7	11h	Flash	**Reapresentação**
04/7	12h30	Esporte Total	
04/7	13h	**1º do Grupo F x 2º do grupo E**	**Vivo**
04/7	16h30	**1º do Grupo B x 3º do grupo A, C ou D**	**Vivo**
04/7	20h	Copa 94	**Reportagens**
04/7	20h30	Compactos Copa 94	
04/7	22h30	Apito Final	

CULTURA

Data	Hora	Programa
02/7	10h30	Grandes Momentos do Esporte
03/7	21h	Grandes Momentos do Esporte
03/7	22h	Cartão Verde

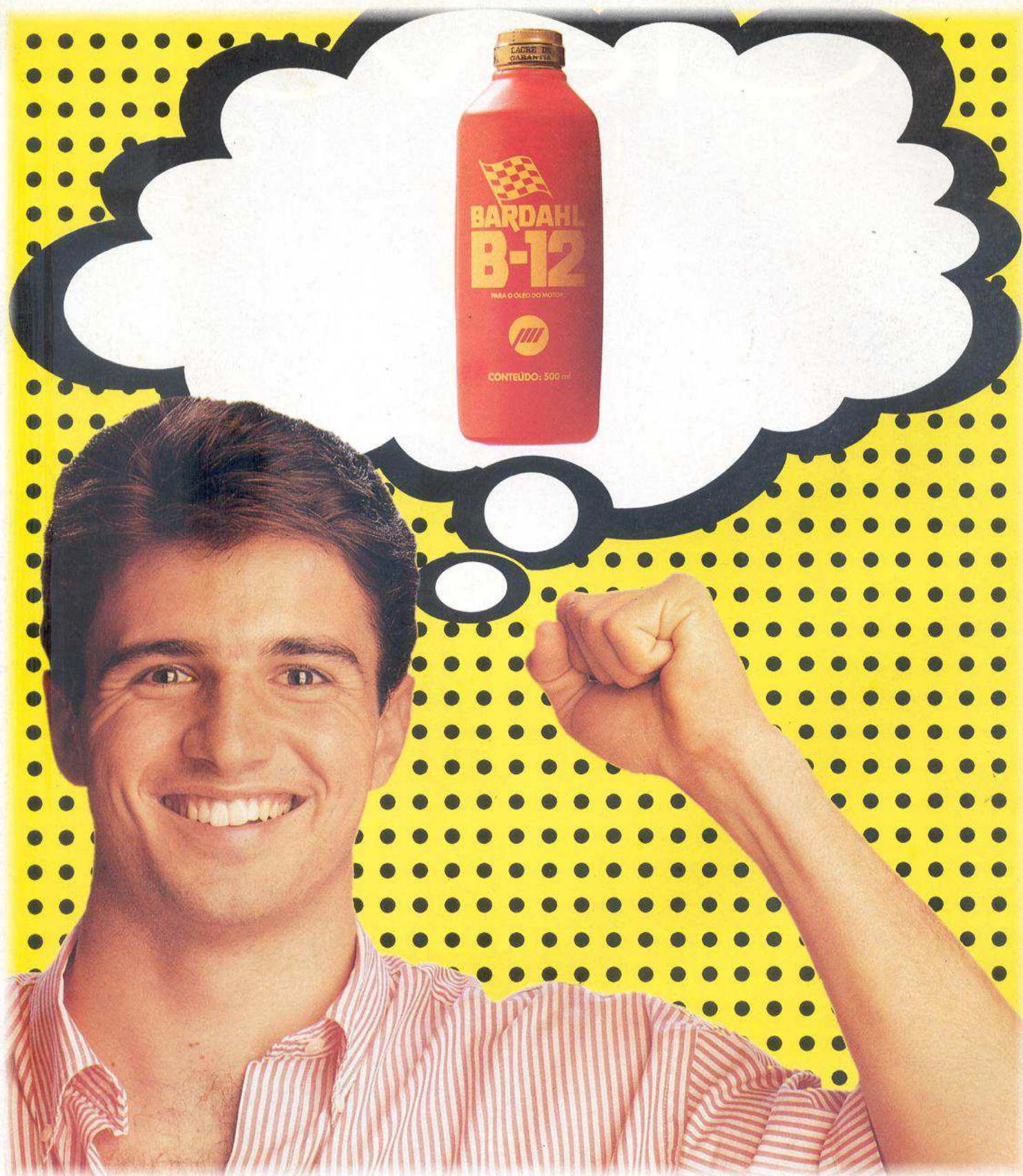
GLOBO

Data	Hora	Programa	
29/6	12h10	Globo Esporte	
29/6	13h35	**Marrocos x Holanda** (Grupo F)	**Vivo**
30/6	12h30	Globo Esporte	
30/6	20h35	**Argentina x Bulgária ou Grécia x Nigéria** (Grupo D)	**Vivo**
01/7	12h30	Globo Esporte	
02/7	12h30	Globo Esporte	
02/7	14h	**Alemanha x 3º do Grupo A, B ou F**	**Vivo**
02/7	15h30	Esporte Espetacular	
02/7	17h30	**Espanha x Suíça**	**Vivo**
03/7	14h	**2º do Grupo F x 2º do Grupo B**	**Vivo**
03/7	17h30	**Romênia x 3º do Grupo C, D ou E**	**Vivo**
03/7	0h	Placar Eletrônico	
04/7	12h30	Globo Esporte	
04/7	13h	**1º do Grupo F x 2º do Grupo E**	
04/7	16h30	**1º do Grupo B x 3º do Grupo A, C ou D**	**Vivo**

SBT

Data	Hora	Programa	
29/6	13h20	**Marrocos x Holanda** (Grupo F)	**Vivo**
29/6	23h30	Jô Soares na Copa	
30/6	0h45	Resumo da Copa	
30/6	2h	Perfil	
30/6	23h30	Jô Soares na Copa	
01/7	0h45	Resumo da Copa	
01/7	2h	Perfil	
02/7	13h50	**Alemanha x 3º do Grupo A, B ou F**	**Vivo**
02/7	17h20	**Espanha x Suíça**	**Vivo**
03/7	13h50	**2º do Grupo F x 2º do Grupo B**	**Vivo**
03/7	17h20	**Romênia x 3º do Grupo C, D ou E**	**Vivo**
03/7	0h15	Resumo da Copa	
04/7	13h	**1º do Grupo F x 2º do grupo E**	**Vivo**
04/7	16h20	**1º do Grupo B x 3º do grupo A, C ou D**	**Vivo**
04/7	23h30	Jô Soares na Copa	
05/7	0h45	Resumo da Copa	
05/7	2h	Perfil	

Obs.: Todos os telejornais apresentarão reportagens sobre a Copa.
Os programas Flash, Perfil e Jô Soares serão transmitidos dos EUA.
A TV Cultura e as TVEs transmitem a mesma programação em rede nacional, exceto para o Rio de Janeiro.

Denison/BSB

MANDE ESTA ENERGIA PARA SEU MOTOR.

Bardahl B-1.2, adicionado ao óleo do cárter do motor, reduz o desgaste, o consumo de combustível, e prolonga a vida útil do óleo e do motor. Dê uma força para o motor do seu carro. Use Bardahl B-12 regularmente.

TUDO ANDA BEM COM BARDAHL.